

CONEXÕES ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: NOVAS SENSIBILIDADES E NOVOS SABERES

Eduardo Fofonca¹

Resumo

O presente artigo propõe uma discussão a partir das novas sensibilidades e saberes que se constituem na educação contemporânea através das conexões entre os campos da Comunicação e Educação. Neste estudo, que refletiu sobre os processos comunicacionais e suas contribuições para a prática educativa, propiciou uma ampliação de debates acerca da dificuldade do sistema educativo tradicional em introduzir em seu contexto as contribuições que se realizam na interface: comunicação, tecnologia e educação, principalmente, pelas relações estabelecidas com a construção do conhecimento no interior da escola atual.

Palavras chave

Comunicação; Educação; Tecnologia; Saberes; Educador.

Abstract

This article proposes a discussion from the new sensibilities and knowledge which constitute the contemporary education through the connections between the fields of Communication and Education. In this study, which reflected on the communication processes and their contributions to educational practice, provided an extension of discussions about the difficulty of the traditional education system to introduce in context the contributions that are in the interface: communication, technology and education, especially the relations established with the construction of knowledge within the current school.

Keywords

Communication; Education; Technoly; Knowledge; Educator.

Introdução

Castells (2001), ainda no começo do século XXI, apontava a incapacidade do sistema educativo tradicional de introduzir os estudantes nessa nova gama de opções e plataformas tecnológicas. Para o autor, além de estrutura financeira, seria necessário estimular uma cultura de inovação e de uma forte identidade, como estímulo social. A cultura da inovação compreende-se “como um sistema criativo de corte artístico que realiza *performances* ou outro tipo de manifestações baseadas nas formas” (CASTELLS, 2001, p.65).

Esta mudança se reflete numa realidade em que há uma forte absorção por parte dos jovens e crianças e de difícil assimilação por parte dos professores, talvez por estarem condicionados a saberes tradicionais. Contudo, existem novas formas de comunicação que, cada vez mais, encontram adeptos. Estas vão de uma simples mensagem de texto enviada por celular até o *Messenger*, os *blogs*, os *fotologs*.

A partir destes mecanismos de interação digital, encontramos uma nova forma de viver com as tecnologias, a “vida digital” (NEGROPONTE, 1995), numa a descoberta das mediações, entre o real e o virtual. Deste processo se recriam novas linguagens e o processo comunicacional deste ambiente permite realizações humano-tecnológicas. Com objetivo educativo, pode-se dizer que há a construção de uma nova forma de interação, pois a educação faz a inclusão da mídia digital na contemporaneidade e, a partir dela, reconstrói o processo de ensino-aprendizagem. “Exposta na tela do computador, a escola virtual se apresenta pela sua imagem. Fluida, mutante, a escola virtual é um ícone de um novo tempo tecnológico do espaço educativo”. (KENSKI, 2004, p.55).

A mediação proposta pela base tecnológica define novas estratégias de reconhecermos o conhecimento e a inteligência humana. Assim, deparamo-nos com inteligência imaterial, isto é, aquela que não existe como máquina, mas como linguagem. Para que essa linguagem pudesse ser utilizada em diferentes tempos e espaços, foram desenvolvidos determinados produtos e processos. Este processo se caracterizou como produção industrial da informação e trouxe uma nova realidade para o uso das tecnologias.

1 Um esboço sobre as relações Escola, Comunicação e Tecnologia

Castellón & Jaramillo (2005), quando tratam de uma sociedade da informação lembram que a universidade perdeu o monopólio do conhecimento e o professor deixou de ser a única forma de sabedoria e informação. Muitas pesquisas explicitam que os alunos participam de comunidades e sítios que fornecem diferentes tipos de informação, e aquisição de saberes, como é o caso do *Orkut*, do *You Tube*, *My Space*, *twitter* ou dos *blogs*.

Contudo, pode existir uma lacuna entre informação e conhecimento,

Que não está sendo preenchida nem levada em consideração pelo sistema educativo. Trata-se do fato de algumas disciplinas em nível universitário – independente do fato de fazerem parte (ou não) da convergência midiática – não conseguirem produzir sentido aos alunos. Além de não compreenderem o conteúdo apresentado, os jovens nem sequer conseguem aplicar à sua vida cotidiana o instrumento ou conhecimento apresentado. Isto é, há uma grande dicotomia entre teoria e prática. (CASTRO, BARBOSA FILHO, 2008, p.86).

Diante disso, torna-se relevante refletir com questões que mostram que a Educação brasileira tem sua história constituída a partir das várias tendências, principalmente as européias, e tem sido uma ciência que possui grande dificuldade em se adaptar à realidade tecnológica. A educação, numa tendência tradicional, evidencia-nos que os padrões de estrutura e funcionamento das escolas pouco mudaram; os conceitos educacionais continuam os mesmos. Um exemplo disso seriam as disposições das carteiras escolares, pois com continuam sempre dispostas na sala de aula da mesma forma.

A preocupação da educação, ao longo de sua história, foi assegurada com as competências que o aluno deve possuir para se efetivar enquanto cidadão na sociedade. Todavia, a grande preocupação das ciências, de um modo geral, concerne à construção de conhecimento, através de saberes, habilidades e competências que o sujeito necessita para ser assegurado e incluído, dominando-os para “enfrentar” a sociedade do conhecimento. Estas formas de saber são denominadas por Demo (2008) como “habilidades do século XXI”, com as novas exigências impostas pelo estilo de

sociedade que concentra seu desenvolvimento na contemporaneidade, a partir das tecnologias de informação e comunicação.

Segundo Demo (2008),

Esta expressão – “habilidades do século XXI” – tornou-se comum nas discussões em torno dos novos desafios impostos pelo estilo de sociedade e economia intensivas de conhecimento e informação, puxadas freneticamente pelas novas tecnologias de informação e comunicação (TICs). Embora haja muita fantasia e retórica em torno em torno da virada do milênio, o que existe de mais concreto é o advento de modos de viver e produzir que nos lançam novos desafios, exacerbados, entre outras coisas, pela pressa das inovações tecnológicas. (DEMO, 2008, p.5).

O que se percebe com a importância destes novos saberes é que o século XXI exige novas habilidades das pessoas e da sociedade. Alguns autores (BACCEGA, 2002; CITELLI, 2000; DEMO, 2008) discorrem que no sentido de construção das novas alfabetizações, desdobrou-se dos meios tradicionais da aquisição de conhecimento, criando novas sensibilidades e possibilidades no processo educativo.

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, sobretudo, da comunicação digital, o computador tornou-se um elemento central na vida e nas aprendizagens humanas, como também passou a ser um importante veículo de difusão na sociedade. As mudanças culturais e sociais, assim, criaram a necessidade da escola repensar a sociedade e, por consequência, a educação rever suas formas de aquisição de saberes e competências. Nesse sentido, torna-se relevante verificar quais seriam as competências de formação dos alunos no passado e quais são, atualmente, necessárias para a constituição do sujeito contemporâneo. Conforme Prensky (2001):

Saber ler, escrever e contar tornou-se habilidade secundária, mero pressuposto. Qualquer criança que tem acesso a computador em casa aprende a mexer nele antes de ler e escrever. Manipulando o teclado sem maior susto – crianças são “nativas”, nós somos “imigrantes” (PRENSKY, 2001, *apud* DEMO, 2008, p. 6).

É sabido que os saberes de leitura, escrita e domínio do cálculo continuam sendo procedimentos iniciais na vida das pessoas, haja vista são habilidades primárias para a cidadania, no entanto, o que se discute é que perdem o sentido e acabam por se efetuar enquanto apenas habilidades primárias. O que se resulta desta discussão é que para a construção de saberes na sociedade líquido-moderna necessitamos compreender que as fontes destes saberes são inúmeras e não advém somente da educação formal.

Conforme Bauman (2008) “cada membro individual é instruído, treinado e preparado para buscar a felicidade individual por meio de esforços individuais” (BAUMAN, 2008, p. 68). Na contemporaneidade, a sociedade absorve saberes adquiridos individualmente e os cidadãos, na vida líquido-moderna, residem em um verdadeiro campo de batalha, onde cada sujeito preocupa-se com a sua individual aquisição de saberes.

Ao pensarmos a história da educação brasileira, verificamos que as transformações ocorridas ao longo dos últimos anos, que a tecnologia foi inserida de forma progressiva e lenta. Contudo, a realidade educacional atual caracteriza uma fuga dos modelos tradicionais, ainda presentes no interior das escolas. A atual ciência da educação prima pelo estudo glocal, compreendendo o desenvolvimento da realidade local e não se esquece do que está em outros contextos geograficamente dispersos. Diante disso, os saberes são contextualizados no cotidiano escolar, configurando o apreender a partir das várias tipologias de saberes.

Conforme Tõnus (2008):

Ao pensarmos no processo de educação, inevitavelmente, entra em jogo a comunicação, não somente porque vivemos em uma sociedade midiática, mas porque a educação depende da comunicação para se concretizar. Da comunicação, ainda, é possível extrair recursos para a educação, bem como para a formação própria do docente. Com o avanço cada vez mais rápido das tecnologias da informação e comunicação (TIC), o docente precisa aprender a lidar com elas, tanto para seu aprimoramento, como no caso de cursos e conferências, entre outras atividades, quanto para empregá-las como ferramentas educativas, a partir da reflexão dos meios e de seus conteúdos. (TÔNUS, 2008, p. 229).

Em outras palavras, o que é muito observado atualmente, mesmo com toda política de inclusão digital, os próprios educadores não fazem pleno uso das tecnologias na sua prática. Nos últimos anos, a educação se defrontou com transformações sofridas pelos meios de comunicação. A educação, no passado, era totalmente baseada no universo literário. Sabemos, no entanto, da importância do referencial bibliográfico para o crescimento intelectual e da dimensão cognitiva do ser humano, todavia, com a plenitude de aparatos tecnológicos e toda diversidade dos meios, os alunos se inserem cada vez mais num contexto midiático-tecnológico.

Na ótica de Tônus (2008):

o desenvolvimento cognitivo é facilitado à medida que os discentes são profundamente envolvidos nas atividades, ao assumirem o papel de construtores e não apenas de repetidores ou mesmo espectadores do conteúdo exposto pelo docente. O fato de aprenderem a manipular o áudio captado exige adaptação, ou seja, é preciso desenvolver a habilidade de operar o *software* para chegar ao produto desejado. (TÔNUS, 2008, p.230)

A realidade educativa proposta por Tônus (2008) nos encaminha a uma educação contemporânea, voltada às informações por meios audiovisuais, do que nos impressos. O aluno, centro do processo de ensino-aprendizagem, passa de mero espectador para construtor. Para tanto, os educadores devem possibilitar e serem sensíveis à inclusão dos meios de comunicação em sala de aula. Embora já tenha sido refletido e até mesmo, na década de 1980, alguns países começaram a introduzir nos seus sistemas educacionais as novas tecnologias, mesmo na atualidade há um *déficit* de absorção de multimídias como ferramentas de aprendizagem. Isso se dá, principalmente, pela formação de nossos educadores, que eram formados para ministrar um ensino baseado em pedagogias centradas em conteúdos métodos tradicionais.

Ao adotar uma metodologia de formação que envolva um mix de meios ou multimídia, espera-se possibilitar a aprendizagem a todos os discentes, independentemente de suas preferências e estilos de aprendizagens ou de suas habilidades. (TÔNUS, 2008, p. 231).

Esta discussão da educação para os meios é recorrente. No entanto, muitos educadores por não conhecê-la, acabam excluindo-a de seu ambiente de trabalho. Nessa perspectiva, não é tarefa fácil uma mudança tão profunda, quando analisamos um panorama histórico da educação brasileira, em que o processo educativo era centrado no verbalismo, nos manuais, na caligrafia de seus modelos.

No entanto, o professor maiêutico, envolvido com a aprendizagem profunda do aluno na condição de orientador e avaliador, além de motivador, é, a rigor, insubstituível. Ao contrário de diminuir nesta sociedade, a demanda vai aumentar expressivamente. No cenário das habilidades do século XXI, deixamos, quase sempre, de lado o artífice principal: o professor. Em parte, fazemos isso porque apostamos de modo determinista nas novas tecnologias, que, num sentido bem concreto, andam sozinhas, à revelia da escola (DEMO, 2008, p. 11).

O significado desta análise nos faz deparar com um século marcado pela imprensa, pela imagem fixa e móvel, pela *webtv*, *webjornalismo*, *webrádio*. A sociedade evolui com a tecnologia, todavia a educação não conseguiu se adaptar. Somente através de uma ruptura com modelos tradicionalistas e o estabelecimento de um repensar da importância em ser educador no século XXI é que a valorização docente iniciará uma progressiva mudança de pensamento, até mesmo por parte dos próprios educadores.

1.1 O Processo Educativo e o Educador

Esta mudança poderá ser concretizada através de novos saberes implicados na formação do educador. “Ora, educador é aquele que educa, isto é, que pratica a educação. Portanto, para alguém ser educador é necessário saber educar” (SAVIANI, 1996, p.145). Para autor, o professor deve saber em que consiste a educação para se tornar educador, ou seja, o educador necessita dominar os saberes implicados na ação de educar. Por outro lado, Demo (2008) diz que “o apoio docente não pode se restringir ao desafio da formação” (DEMO, 2008. p. 11). Inerentes também a uma formação que possibilitem aos educadores um adaptar/interagir com a realidade tecnológica, deve partir de uma nova organização sócio-política, com o objetivo de propiciar a inclusão digital.

Precisa incluir programas públicos que facilitem o acesso a computador, manejo de internet de banda larga, uso de *softwares* que comprovem autoria, habilidade de construir ambientes virtuais de

aprendizagem, chance de atualização permanente e assim por diante.
(DEMO, 2008, p. 12).

Consideradas as particularidades que se agregam ao ponto de vista das tecnologias e da educação, torna-se relevante destacar um documento, com publicação em 2003, intitulado “Educação: Um tesouro a descobrir”. Nele foram discutidos, num fórum internacional, múltiplos desafios do futuro da educação. Numa concepção internacional materializou uma postura educacional para o Século XXI, identificando que há uma necessidade de mudança. Este relatório colocou em discussão uma educação emancipadora através do repensar de suas práticas, seja pelo confronto de problemáticas que os países possuem de ordem político-educacional, ou pela própria prática pedagógica. Nesse contexto, faz-se necessária uma abordagem crítico-reflexiva:

Não como um ‘remédio milagroso’, não como um ‘abre-te sésamo’ de um mundo que atingiu a realização de todos os seus ideais mas, entre outros caminhos e para além deles, como uma via que conduza a um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras. (DELORS, 1999, p.11).

Vale dizer que desde o início dos trabalhos, os membros da Comissão sobre compreenderam que seria indispensável, para enfrentar os desafios do século XXI, assinalar objetivos à educação e, portanto, poderiam mudar a idéia que se tem da sua utilidade. “Uma nova concepção ampliada de educação devia fazer com que todos pudessem descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo – revelar o tesouro escondido em cada um de nós” (DELORS, 1999, p. 90). Agrupado a este ponto de vista, o documento revela que deve ultrapassar a visão puramente instrumental da educação, considerada como a via obrigatória para obter certos resultados (saber-fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordem econômica), e se passe a considerá-la em toda a sua plenitude, na sua totalidade, aprende a ser, enfim na realização enquanto pessoa.

Devemos reconhecer que o repensar das práticas pedagógicas e das políticas educacionais que surgiram do encontro na França, remetem-nos a objetivos bem definidos para a constituição de uma educação que, na sua plenitude, amplie o descobrir novos saberes. Como forma de registro desta discussão a Comissão da UNESCO descreveu quatro pilares da educação para o século XXI:

1. Aprender a conhecer: Este tipo de aprendizagem que visa não tanto a aquisição de um repertório de saberes codificados, mas antes o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento pode ser considerado, simultaneamente, como um meio e como finalidade da vida humana; 2. Aprender a fazer: Aprender a conhecer e aprender a fazer são, em larga medida, indissociáveis. Mas a segunda aprendizagem está estreitamente ligada à questão da formação profissional: como ensinar o aluno a pôr em prática os seus conhecimentos e, também, como adaptar a educação do trabalho futuro; 3. Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros: sem dúvida, esta aprendizagem representa, hoje em dia, um dos maiores desafios da educação. O mundo atual é, muitas vezes, um mundo de violência que se opõe à esperança posta por alguns no progresso da humanidade; 4. Aprender a ser: e educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. (DELORS, 2003, p. 90-99).

Estes saberes remetem-nos a uma reflexão sobre os métodos de ensino. Tendo em vista que os docentes, por dogmatismo, não despertam a curiosidade ou o espírito crítico dos seus alunos, em vez de desenvolvê-los. Mais ainda a educação formal brasileira tende a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento de outras formas de saberes e de aprendizagens, o que nos direciona na contemporaneidade a uma educação que contemple os meios de comunicação como métodos, caminhos à aprendizagem, explicitamente modernos e eficazes.

Diante disso, avaliamos o relatório na Unesco, podendo tê-lo como um documento atemporal por tratar de proposições adequadas à contemporaneidade. O que se vê, é que o documento preconiza que “o processo de aprendizagem do conhecimento nunca está acabado, e pode enriquecer-se com qualquer experiência”. (DELORS; 1999, p.92). Portanto, fica evidente que as Tecnologias de Informação e Comunicação podem ser uma forte conexão entre os novos saberes para o século XXI, os fluxos comunicativos e as práticas educacionais (formal, não formal e informal).

Trata-se, pois, de trabalhar o conhecimento não apenas como repositório do já sabido, ou de um conjunto de informações, mas o conhecimento como flexível, dependendo da realidade sociocultural da vivência do aprendiz. Nesse sentido, apropriando-se dos preceitos de Freire (2002), quando o educador diferencia a educação como tarefa

dominadora e desumanizante e a educação como libertadora e humanizante. Assim, o autor identifica na primeira a pura transferência de conhecimento, enquanto a segunda representa o ato de conhecer. O processo do conhecer como consciência, com uma intencionalidade até o mundo. “Seja educador-educando, seja como educando-educador, parafraseando Freire, o sujeito tem clara a realidade da consciência da realidade”. (TÔNUS, 2008, p.233).

O desenvolvimento das TIC, apesar de toda progressão contínua na sociedade, ainda tem caminhado a passos curtos na educação. O que encontramos são desorientações nas relações docente/discente e entre outros aspectos, conteúdos cada vez mais complexos. No que tange à relação das TIC e sua aplicação na educação:

É preciso pensar em uma questão que ainda representa um empecilho nas propostas formativas. Os avanços nesse campo são extremamente velozes, e, mesmo que o docente tenha conhecimento e acesso a elas, no momento em que deseja levá-las aos discentes na universidade, esbarra em questões institucionais, referentes a *softwares*, acesso a recursos da grande rede, entre outros (TÔNUS, 2008, p.242).

O compartilhamento de informações configura um processo interacionista necessário à aprendizagem, na ótica de Freire (2002). Este processo pode ser um compartilhamento entre os próprios educandos, ou na relação entre aluno/professor, tendo-o em qualquer forma de relação ao compartilhar um novo processo de construção do conhecimento em que o acesso a recursos da Internet favorecem o desenvolvimento de inúmeras possibilidades.

É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento complexo, no sentido originário do termo ‘*complexus*’: o que é tecido junto. (MORIN, 2004, p.18).

Para Morin (2004), qualquer cultura ou sociedade deve preocupar-se com o conhecimento humano, seus dispositivos, suas enfermidades, suas dificuldades, suas tendências ao erro e a ilusão. Contudo, esta preocupação deve acordar o que se verifica, cotidianamente, é que a experiência da participação de alunos em programas de inclusão digital é que ela facilita a aprendizagem.

2 Comunicação Digital, *Blogs* e Educação

Segundo Fofonca (2010), o acesso à Internet, além de ser utilizado para a organização de ações em torno da educação, também auxilia os sujeitos diversos no processo de aprendizagem. Com a disseminação dos meios, as pessoas passam a progredir na oralidade, leitura e escrita, efetivando-se na compreensão de mundo. Uma vez inserido nestes processos tecnológicos, o sujeito vai, progressivamente, ver sua melhoria na qualidade escrita e na aquisição de conhecimentos. Uma ferramenta para esta demonstração do domínio da escrita dos alunos são os *weblogs*. Os *blogs*, como são conhecidos hoje, surgiram por acaso, ainda desacreditados e se transformaram numa plataforma que estabelece relações entre os produtores, o processo produtivo das mensagens, o acesso às informações e ao conhecimento.

Conforme Quadros (2005), o surgimento da comunicação dos *blogs* se intensificou ainda mais a partir de dezembro de 1997, quando o norte-americano John Barger utilizou a palavra *Weblog*, pela primeira vez, para descrever sites pessoais que permitissem comentários e fossem utilizados com frequência.

Atualmente, os *blogs*, além de serem um sistema comunicacional para expor idéias, também são espaços para estabelecer contatos e pode ser utilizado como ferramenta de trabalho. Alguns estudos (RECUERO, 2003; QUADROS, 2005) apresentam classificações de *blogs* na tentativa de compreender esse fenômeno que também tem despertado, principalmente em áreas específicas, que antes não viam na comunicação digital um novo fazer. Contudo, os *blogs* tornaram-se sistemas comunicativos importantes, como canal de troca de conhecimento. Em educação, os *blogs* têm potencial como ferramenta, porque podem se adaptar a qualquer disciplina, nível, modalidade ou metodologia de ensino.

Baumgartner (2004) considera que os *blogs* têm um potencial intrínseco para revolucionar a estrutura organizacional dos entornos tradicionais do ensino. Para o autor, o diferencial é permitir controlar o nível de abertura desejado, facilitando sua integração nas instituições educativas em relação a outros sistemas de gestão de conteúdo mais abertos, como é o caso específico dos *wikis*, que podem produzir desconfiança. O autor ainda esclarece que, há uma vantagem de seu caráter exógeno em

relação ao espaço educativo, mesmo porque é construído através de *hiperlinks* na Rede e não dependem exclusivamente de um servidor único centralizado.

Observamos, na maioria das experiências educativas com *blogs*, que a sua criação atinge os objetivos essenciais do aprender a aprender. A tecnologia se insere não numa reprodução de ensino tradicional, mas com traços de modernidade, que permanentemente compartilham conhecimentos.

Nesta observação, cabe dizer que o *blog* “Na Mira do Leitor”, da professora Doralice Araújo, veiculado na *Gazeta do Povo (Rede Paranaense de Comunicação)* pode ser considerado um modelo de *blog* que compartilha conhecimento. Este *blog* possui como público os alunos de Ensino Fundamental e Médio, oferecendo a estes abordagens sobre produção textual (língua escrita); dicas com motes e enunciados para que vestibulandos que acessam ao *blog* tenham oportunidade de refletir e produzir textos sobre os mais variados temas, numa tentativa de se preparar para os principais vestibulares do país.

Sendo assim, Almeida esclarece:

Os autores também destacam uma grande especialização em determinados assuntos *weblogs*, justamente o contrário dos meios tradicionais, o que contribui para que os jornalistas recorram aos *blogs* para conseguirem opiniões de especialistas (especialização).[...] os *blogs* possuem versatilidade e baixo custo como vantagens competitivas, possibilitando reações mais rápidas, sendo dessa forma, utilizados por muitos jornais para a cobertura de determinados acontecimentos em tempo real (velocidade) (ALMEIDA, 2009, p.25).

O destaque para a especialização com alguns assuntos, como Almeida (2009) expôs, diferentemente de outros meios de comunicação, os *blogs* trazem modelos de abordagens temáticas, onde alguns autores definem claramente seus focos, definindo assim seu público de acesso.

Dos pontos de vista comunicacional e educacional, o *blog* pode proporcionar o contato com os pares (sujeitos diversos que se interessam por um assunto em especial ou até mesmo são pesquisadores de temáticas específicas) ou ser um elo entre alunos, professores ou pesquisadores, que navegam em busca de conhecimento, possuindo uma

circulação da informação mais livre e rápida. Visto que, também na classificação dos *blogs* de educação, encontramos os de divulgação científica, que possuem um enfoque restrito a pesquisas e, neste aspecto, acabam por ser diferente dos demais mostrados.

Nos *blogs* de divulgação científica encontramos artigos ou trechos de capítulos de livros que podem servir de fundamentação para pesquisas, assim além de democratizar o acesso à informação, acontece o acesso rápido ao conhecimento. Por isso, tornaram-se de grande importância os programas educacionais e sociais, que inseriram os jovens na cultura das mídias.

São muitos os aspectos positivos que podem ser identificados no uso do *blog*. Na ótica de Batista & Costa:

o uso do *blog* como ferramenta de reconhecimento do trabalho científico, apesar do risco de questões delicadas poderem surgir, como plágio, interlocutores inconvenientes. Mas essa vulnerabilidade é inerente a qualquer forma de veiculação de mensagens, seja no jornal impresso, no rádio, na televisão e, mais frequentemente, na *web* (BATISTA e COSTA, 2009, p.07).

Torna-se interessante reconhecer que o *blog* de divulgação científica propicia um mundo de visibilidade na grande rede das pesquisas que contribuem socialmente, ou seja, na construção do pensamento social. Para Thompson (2008) existe “um novo mundo de visibilidade, o fato de tornar visíveis as ações e os acontecimentos não é meramente uma falha nos sistemas de comunicação e informação, cada vez mais difíceis de serem controlados” (THOMPSON, 2008, p.02). Segundo o autor, a visibilidade se tornou uma estratégia explícita por parte daqueles que sabem bem fazer da visibilidade mediada uma possível arma no “enfrentar”, de um modo geral, a sociedade da informação ou do conhecimento.

Nesse sentido, o fator negativo do *blog*, na mídia digital, que poderia ser discutido seria referente à vulnerabilidade da veiculação de mensagens, no entanto Batista e Costa (2009) esclarecem que este problema também pode ser encontrado em outras mídias, extraem assim uma perspectiva negativa da *web*, preferindo tê-la como fonte importante na contemporaneidade de veículo de informação. Com esta constatação, a partir da

inclusão das tecnologias da informação e comunicação na sociedade, e há a repercussão visível em outras áreas, como é o caso da educação.

No caso das TIC, elas representam, mesmo que ainda com acesso limitado, uma via de comunicação e educação que não pode ser ignorada, à medida que ambas as áreas estão em constante interação, uma servindo à outra, tanto na academia, quanto no cotidiano da sociedade. (TÔNUS, 2008, p.243).

Tomemos assim um ponto importante a ser tratado, a história da educação nos meios de comunicação. Cabe ressaltar que, este processo perpassa a educação formal (educação à distância, a utilização de multimeios no contexto sala). A educação para os meios de comunicação está presente continuamente na formação do sujeito que interage nas inúmeras possibilidades cotidianas. E neste sentido, as TIC apresentam, fundamentalmente, uma importante mediação nos processos de aprendizagem, o “estar junto virtual” e a aprendizagem autodirigida. Ambos possuem papéis híbridos no face a face e na virtualização sendo, portanto, possibilidades para melhorar o processo de ensino. Para contemplar a idéia inicial, refletimos em suma que

A disseminação dos meios de comunicação de massa é um dado que a escola não pode ignorar, porque ele tem um peso importante nas vidas das crianças e à escola deve levar em conta esse dado e procurar responder a essas necessidades de diferentes maneiras, seja em termos de se adequar e essa nova situação, seja em termos de incorporar alguns desses instrumentos no seu próprio processo de trabalho. (SAVIANI, 1997, p.76).

Considerações finais

Os tempos são de novas sociabilidades e sensibilidades que vem se ampliando desde o começo do século XXI. Nesse sentido, poderíamos dizer que são novas formas de se comunicar, de estar e sentir o mundo. Na sociedade contemporânea, as tecnologias digitais têm como principal referência a virtualidade.

Nesse sentido, verificamos que inúmeros estudos, que possuem posturas teóricas que buscam constituir pesquisas atentas aos sistemas dos meios, partindo da mesma concepção em que verifica na informação uma possibilidade de recepção crítica para crianças e jovens. Nesta análise das competências da comunicação, em outro campo, o

da educação, reconheceu-se que a preocupação está centrada em instrumentos que constroem um pensamento de novas formas de diálogo com a realidade.

Para tanto, com a ilustração em tela, com os *blogs* com fins educativos e a mídia digital, sendo notoriamente fundamentais para a constituição de cidadãos que vivem na sociedade. Levando isso em consideração, constatou-se que os meios vão se estruturando conforme as necessidades de uma sociedade contemporânea, que nos encaminha para novos caminhos da aprendizagem na educação informal e não formal.

Estes novos caminhos acabam por se transformar a educação, fazendo com que a conexão das áreas da comunicação e da educação não entrem em conflito ou desconforto, mas abra caminhos numa perspectiva que ascenda num novo olhar entre os processos educativos e as práticas comunicacionais na sociedade contemporânea.

Referências

BARBOSA FILHO, A; CASTRO, C. Comunicação digital: Educação, Tecnologia e novos comportamentos. São Paulo: Paulinas, 2008.

BAUMGARTNER, P. The Zem Art of Teaching. Communication and Intereactions in Education. Proceedings of the Internacional Workshop ICL2004, Austria, OCTUBRE, 2004.

CASTELLÓN, L. JARAMILLO, O. Los desafios de la educaión superior em la sociedad de la información. In. MELO, J. M. et al (Orgs.). Sociedade do Conhecimento: aportes latino-amaricanos. São Bernardo do Campo, Umesp, Cátedra da Unesco, 2005.

CASTTELLS, M. A galáxia da internet. Jorge Zahar Editora: Rio de Janeiro, 2001.

CITELLI, A. Comunicação e Educação. A linguagem em movimento. São Paulo: SENAC, 2000.

CITELLI, A. Comunicação e Educação: Aproximações. In: BACCEGA, M. A. Gestão de Processos Comunicacionais. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

DEMO, P. Habilidades do Século XXI. Boletim Técnico do SENAC: a revista da educação profissional. V.34, n.2, maio/agosto, SENAC Ed. Rio de Janeiro: 2008.

FOFONCA, E. Entre o Processo Educativo e a Prática Comunicacional: o caso dos *Blogs* de Educação no *Webjornalismo – Gazeta do Povo* e *O Globo On Line*. Dissertação de Mestrado, UTP, Curitiba, 2010.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KENSKI, V. M. *Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NEGROPONTE, N. *A Vida Digital*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

QUADROS, C. I. A Participação do público no webjornalismo. *Revista E-compós*, v. 4, 2005.

SOARES, I. de O. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. In: *Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Educação e Arte*. Brasília: UNB, ano 1, n. 2, 1999.

SOARES, I. de O. Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, M. A. (Org.). *Gestão de Processos Comunicacionais*. São Paulo: Atlas, 2002.

SOARES, I. de O. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. In: BACCEGA, M. A. (Org.) *Comunicação & Educação*. São Paulo: ECA/USP/Salesiana, n.23, jan./abr., 2002.

SOARES, I. de O. A Educomunicação e suas áreas de intervenção. *Educom./TV*, tópico 1, ECA/USP, 2002. Disponível em: [<http://www.educomtv.see.inf.br/>]. Acesso em 10 de nov. 2008.

TÔNUS M. Interação do Processo de Aprendizagem em Comunicação Social. In: PRIMO, A.(Orgs.). *Comunicação e Interações*. Livro da COMPÓS. Porto Alegre: Sulina, 2008.

¹ Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil. Mestrando em Educação pela Universidad de Jáen, Espanha. Especialista em Educação pela Universidade Federal do Paraná, Brasil. Atua como Secretário Municipal de Educação e Cultura de Matinhos, Paraná, Brasil. eduffk@bol.com.br